

**OS CAMINHOS E O RIO: DOS JOGOS DE LINGUAGENS A OUTRAS
PERSPECTIVAS**

**THE PATHS AND THE RIVER: FROM LANGUAGE GAMES TO OTHER
PERSPECTIVES**

Sirley da Silva Rojas Oliveira*

RESUMO: Este trabalho visa mostrar o jogo de linguagem criado pelo autor Sérgio Medeiros e as inovações contidas em seus caligramas, presentes no livro *Os Caminhos e o Rio*. O livro possui duas seções de poemas sendo que na primeira há dez poemas intitulados Caminhos e um intitulado Rio, já a segunda parte do livro é composta por 32 caligramas coloridos, os quais, segundo o autor, foram feitos após uma viagem à França, inspirados nas obras dos franceses Apollinaire e Mallarmé. Utilizando as visões dos vários jogos de linguagens de Wittgenstein, a poesia experimental de Carlos Reis e as mudanças de regra, métrica e ritmo da poesia moderna de Hugo Friedrich pretende-se fazer a leitura do jogo de linguagem criado na obra de Sérgio Medeiros e da poesia visual com ressignificações que o poeta constrói.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Poesia. Caligramas.

ABSTRACT: This paper aim to show the language game created by the author Sérgio Medeiros and the innovations contained in his calligrams, present in the book *Os Caminhos e o Rio*. The book has two sections of poems and in the first there are ten poems entitled Caminhos and one titled Rio, while the second part of the book is composed of 32 colorful calligrams, which, according to the author, were made after a trip to France, inspired in the works of the French Apollinaire and Mallarmé. Using the views of Wittgenstein's various language games, Carlos Reis' experimental poetry and the changes in rule, metrics and rhythm of Hugo Friedrich's modern poetry, we intend to read the language game created in the work of Sérgio Medeiros and visual poetry with new meanings that the poet builds.

KEYWORDS: language - poetry - calligrams

*Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (2007) e mestrado em Estudos de Linguagens, na área de concentração em teoria literária, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2011). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul ministrando disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas literaturas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Waly Salomão, tropicalismo, canção e poesia. E-mail: sirley.oliveira@ifms.edu.br

Sergio Medeiros é de Bela Vista Mato Grosso do Sul, mas atualmente reside em Santa Catarina, onde atua como docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Medeiros é tradutor, ensaísta e poeta. Em seus poemas traz muito da linguagem e mitologia ameríndia. Além de poemas que trazem descrições que levam o leitor a imaginar cenários, imagens e sons, o poeta cria também caligramas, nos quais utiliza menos escrita e mais imagens, cores e sons. Os personagens que mais aparecem em suas obras, são folhas, galhos, rios, animais, enfim elementos constitutivos da natureza.

No presente trabalho serão observados os jogos de linguagens construídos por Medeiros na primeira parte de seu livro *Os Caminhos e o Rio*, por meio da noção de jogos de linguagem criados pelo filósofo Wittgenstein. Em seguida, na segunda parte do livro, serão analisados alguns dos trinta e dois caligramas coloridos em que o poeta continua mostrando caminhos e rios, mas agora por meio de imagens. Os caligramas de Sérgio Medeiros se diferenciam da poesia visual criada por Apollinaire e, mais à frente, utilizada pelos concretistas brasileiros, por utilizar mais imagens, cores e menos linguagem escrita. Essa segunda análise será feita com base nas teorias sobre poesia experimental e características da lírica moderna de Carlos Reis e Hugo Friedrich.

O filósofo Wittgenstein, autor do *Tractatus Logico – Philosophicus*, alarga o olhar defendido nessa primeira obra abandonando a perspectiva lógica que havia traçado. Nos cadernos que passou a escrever a partir de então afirmou que seu *Tractatus* era insatisfatório, já que considerou suas primeiras reflexões “como incapazes de elucidar todos os problemas da linguagem em virtude de resultarem de uma maneira ‘supersticiosa’ de abordagem” (Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, p.13). Para o filósofo a linguagem possui “superstições” que precisam ser desfeitas e é tarefa da filosofia tentar anular os efeitos que a linguagem estabelece sobre o pensamento.

O funcionamento da linguagem acontece de forma prática, o que torna a indagação sobre os significados das palavras irrelevante, já que essa acontece em seus usos. Assim há variadas e múltiplas maneiras de se usar a linguagem, quanto a isso Wittgenstein, em sua segunda reflexão, a chama de “jogos de linguagens, entre os quais poderiam ser citados seus empregos para indagar, consolar, indignar-se, ou descrever.” (Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, p.14). Esses jogos são

comparados a ferramentas que um operário necessita para trabalhar como serra e martelo, da mesma maneira as expressões da linguagem não possuem somente uma função “O que se pode dizer que existe são certas semelhanças, ou nas palavras do próprio Wittgenstein, certo ‘ar de família’, certos parentescos que se combinam, se entrecruzam, se permutam.” (Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, p.14).

Logo, a linguagem não deve ser definida como uma estrutura única e lógica, já que um uso não carrega o todo da linguagem, a qual acontece por meio de diferentes e múltiplos segmentos, cuja única semelhança é “‘um certo ar de família’, constituindo cada um deles um ‘jogo de linguagens’”. O jogo de linguagens seria definido, portanto, por meio de traços semelhantes e que definem uma série de jogos. É essa linguagem estabelecida por meio de jogos que o poeta Sérgio Medeiros utiliza em seus poemas. Seu livro *Os Caminhos e o Rio* é um bom exemplo de um jogo no qual o leitor é enredado e por meio das semelhanças entre as palavras de cada poema constrói o sentido. Já na capa o autor dá dicas de como compreender os versos e as imagens que estão presentes no livro.

Já no início do livro, Medeiros deixa a dica para o leitor, na orelha do livro aparece a informação de que no livro a escrita real é imaginária de que “O traço sancionado e o traço fantasioso se misturam e fluem juntos” (MEDEIROS, 2019). Logo os poemas são feitos de muitos poemas reais e imaginários. O poeta ainda atribui o poema ao “Jardineiro Doudo, cuja obra é atravessada por um ou vários rios: o rio Apa, o rio Sena, etc.” (MEDEIROS, 2019). Em seguida o poeta menciona Apollinaire como um francês imaginário, já que nasceu em Roma e com outro nome e acrescenta que esse sonhava colorir os seus famosos caligramas. Medeiros encerra a fala sobre Apollinaire afirmando que em seu livro “Todos (ou quase todos) os caligramas estão doudamente coloridos.” (MEDEIROS, 2019).

Após essas dicas para o leitor, Sérgio Medeiros apresenta, no sumário, a informação que há dez caminhos e o rio na primeira parte de seu livro e logo em seguida 32 caligramas coloridos. O leitor esperto já começa a compreender o título: *Os caminhos e o Rio*, são dez poemas que tratam de algum caminho e um sobre o rio. Em seguida vem a nota do autor com mais dicas de leitura, na qual Medeiros explica que seus caligramas são uma homenagem a Paris, onde ele releu as obras de Apollinaire e Mallarmé e conheceu, na Biblioteca Nacional, a arte do poeta medieval Raban Maur. O autor encerra sua nota com mais dicas para o leitor compreender o

jogo criado, contando que preencheu as folhas adquiridas em Paris com uma escrita imaginária. Tal escrita teve por estímulo descritos reais e alguns desses estão na primeira parte do livro (os dez caminhos e o rio), que segundo ele “acabaram ficando ilegíveis – num dos poemas essa escrita fantasiosa germina como uma semente e cria raízes profundas, sob o olhar de um ídolo pagão de Paul Gauguin.” (MEDEIROS, 2019). Por fim segue a informação que os descritos reais vêm de cadernetas que estão guardadas em sua casa.

Após essas dicas de leitura para o leitor compreender os poemas e o jogo criado por meio da linguagem começam os poemas. O primeiro dos dez caminhos é *O Caminho Animal*, no qual um caminho de animais é descrito:

- o cachorro distraído que trotava livre na rua de repente ¹
volta voando seguido de perto por um velho veículo trêmulo
- o inseto prateado aguarda em pé na borda de uma
camélia como se ela fosse uma caverna rubra
então salta para trás (MEDEIROS, 2019, p.13).

Esse primeiro poema leva o leitor a imaginar um caminho percorrido por um cachorro e um inseto prateado, imaginando o percurso que esses fazem da perspectiva de cada animal, que geralmente não é levada em consideração, já que o homem tende a observar tudo de acordo com a perspectiva, com o olhar humano. O segundo poema do livro é *O Caminho Celestial*, onde aparece um caminho, no qual o céu é posto em evidência:

- a escada de caracol é levada pela caminhonete veloz
por uma estrada ziguezagueante como um saca – rolhas que
apontasse o afiado bico para o céu azul
- depois que o aviãozinho passa buzinando atrás das
palmeiras imóveis da praia surge no céu cinzento a longa
faixa azul ondeante que ele arrasta (MEDEIROS, 2019, p.14)

O leitor é levado a imaginar uma escada de caracol que ao percorrer um caminho sobre uma caminhonete coloca o céu azul em evidência. Após a imaginação do céu azul como base para o movimento de uma escada que funciona, na construção do poeta, como um saca-rolha é possível imaginar a cena de um avião voando entre as palmeiras e deixando, novamente, o céu em evidência com sua faixa de fumaça.

¹Os poemas foram digitados da forma mais próxima do que está no livro para respeitar a forma dada pelo poeta, por isso saíram das normas da citação com recuo.

O leitor atento consegue entender o jogo de linguagem construído pelo poeta que tem agora como base o céu. O próximo poema é *O Caminho Assombrado*, em que uma cena que remete a um filme de terror pode ser imaginada:

- as folhas caem (ou se jogam) dos galhos como se a brisa quase nula fosse súbita ventania
- depois de rodopiar no ar agitado o saco de plástico gruda numa grade de ferro onde fica parado como uma ave que tivesse feito um pouso aprazível (MEDEIROS, 2019, p.15)

Ao descrever: folhas, ventania, um saco plástico rodando no ar e grudando em uma grade, juntamente com o título *O Caminho Assombrado*, o poeta leva o leitor a um cenário assustador. Isso é acentuado pelo som das palavras grade e grude, a aliteração composta por sons fechados que contribuem para a sensação de um cenário assombrado, como o título do caminho. O próximo poema é *O Caminho Rude*, esse caminho traz uma trajetória rude do mar:

- a grade do jardim é arrancada pelo mar
arrancada e logo colocada por ele no mesmo lugar
em pé
e apenas úmida de sereno
- o mar dá um chute no portão de alumínio
mesmo sem tocá-lo
mesmo sem salpica-lo de espuma (MEDEIROS, 2019, p.16)

O caminho traçado pelo mar é rude como o título, no entanto aqui a escrita imaginária citada pelo autor no início do livro aparece, já que o mar arranca a grade do Jardim e logo a devolve apenas úmida de sereno e depois chuta o portão, mas sem tocá-lo. O poema seguinte é *O Caminho Extravagante*, no qual um percurso de aeronaves e pássaros é descrito de forma bem diferente:

- um pequeno avião preguiçoso mal avança no céu azul
acelera e desacelera caprichosamente
na manhã fria
- depois que o helicóptero passa escuro indo para o sul um bando de pássaros de asas fechadas se lança do oeste como balas sobre o jardim (MEDEIROS, 2019, p.17)

Esse caminho leva a imaginação de um avião, um helicóptero e pássaros voando o céu de forma extravagante, para quem imagina a cena é fora do comum pensar um avião que acelera e desacelera no ar, enquanto um helicóptero passa para o sul e na

outra direção pássaros se lançam como balas, termo esse que pode ter o significado de rápido, sobre o jardim. Um caminho bastante diferente do que se costuma ver de voos sob o céu, talvez por isso o nome extravagante. Em seguida vem *O Caminho Poético*, no qual há uma visão poética das cenas descritas:

- na calma lagoa na tarde parada uma garça verde –
esmeralda parece uma escultura mas é um saco de lixo preso
a um pau enfiado na beira da água
- o menino que ainda chupa bico avança ao meio dia
na direção das ondas usando um par invertidos de sandálias
rosa gigantes
a água se esforça para alcançá-lo deixando a areia
rapidamente empapada diante dela (MEDEIROS, 2019, p.18)

Nesse caminho é perceptível a imaginação do autor que enxerga a escultura de uma garça verde-esmeralda onde há, na verdade, um saco de lixo preso a um pau enfiado na beira da água. Além disso, a ênfase dada aos detalhes do bico e das sandálias rosa gigantes invertidos do menino que se aproxima da água mostram a importância dada às minúcias que geralmente passam despercebidas pela maioria em meio a uma sociedade, cujo o tempo é cada vez mais escasso e acaba, dessa forma, privando as pessoas de olhar os detalhes que podem trazer o diferencial da vida. Somando a isso tudo a percepção de que a água tenta alcançar o menino e não o inverso deixa evidente que o autor coloca, nesse poema, um olhar diferenciado, um olhar poético sobre seu caminho. Em seguida aparece o caminho árduo, no qual há trajetos cansativos para duas pessoas:

- levando redes coloridas nos ombros o vendedor de
pernas finas se afasta como um avestruz pela praia ensolarada
- de touca peruana o homenzinho depõe no chão um
saco de lixo
enorme esfera negra abarrotada de folhas secas (MEDEIROS,
2019, p.19)

É possível perceber que esse poema descreve um caminho cansativo primeiro do vendedor de pernas finas que carrega nos ombros redes coloridas e depois do homenzinho que carrega um saco de lixo cheio de folhas secas. Justifica-se, assim o título caminho árduo. O poema que vem em seguida é *O Caminho Iluminado*, onde é descrito um caminho com luzes

- aconchegada no meio de uma árvore frondosa e escura

a lâmpada está sempre acesa de noite e de dia iluminando a calçada
 - com as asas fechadas dois bem - te -vis como dois peixes
 amarelos passam rente às pequenas palmeiras iluminadas
 e se põem a cantar numa árvore próxima

O poema recebe o título que já ajuda o leitor a compreender o jogo de linguagem criado por Medeiros. Ao ler *O Caminho Iluminado* o leitor já espera o que virá: um caminho com uma lâmpada acesa que mesmo estando em meio a uma árvore frondosa e escura consegue iluminar a calçada. O que talvez o leitor não espere e se surpreenda é com a visão do poeta que descreve dois bem-te-vi voando, comparando-os a peixes, por estarem com as asas fechadas. Aqui a visão imaginária do poeta reaparece. O décimo caminho do livro é *O Caminho Real*, esse é bem surpreendente, já que ao ler a palavra Real o leitor deve esperar algo próximo a realza

- o inseto voa na direção da porta de vidro como uma
 pedra negra redonda
 - escuros pássaros concretos voam baixo contra o sol nuvens
 criam asas que quase prontamente desaparecem na volumosa massa
 branca

Diferente dos outros caminhos que tinham uma relação mais clara do título com o jogo de linguagem estabelecido pelo autor, *O Caminho Real* trata de um inseto que voa na direção de uma porta de vidro, parecendo uma pedra negra. O que há em comum na segunda descrição do poema é a cor dos pássaros que são escuros e voam baixo contra o sol enquanto nuvens criam asas que desaparecem em meio a massa branca. Esse poema pode ser lido como o caminho que mostra a realidade, já que são descritas ações reais, apenas com a comparação dos insetos a pedras negras e a percepção de que as nuvens criam asas como imaginações que diferem do real. O leitor ao ler deve lembrar de algum momento em que já olhou para as nuvens e ficou procurando formas enquanto elas se mexiam. Esse caminho traz, portanto, descrições reais com menos cenários imaginativos, mas comparações mais comuns, como no caso do inseto como uma pedra negra redonda. E encerrando os poemas escritos do livro vem *O Rio doce*, onde há um misto de sons e imagens que remetem a um rio:

- quando o poeta liga de madrugada o chuveiro o som
 de um helicóptero se aproxima da casa e no instante em que
 a água molha o piso uma luz varre os azulejos da parede

- no domingo de manhã sem sol o velho barco amarelo
se afasta rápido sem ruído enquanto outros
escuros
acionam os motores indóceis imóveis na água tremida
(Medeiros, 2019, p. 23)

Ao ler esse poema o leitor imagina os sons descritos: o som do chuveiro, depois de um helicóptero e logo em seguida a cena da água que cai do chuveiro e molha os pisos. Isso tudo ao mesmo tempo lembra um rio e mostra como Medeiros consegue misturar o real com o imaginário como aparece no início do livro “Neste livro a escrita real é imaginária” (Medeiros, 2019). Nessa primeira parte do livro é perceptível um jogo de linguagem criado em cada Caminho e por fim no rio, pelo título de cada poema o leitor consegue a dica para entender o jogo estabelecido e os sentidos criados por meio de uma linguagem carregada de imaginação. Com descrições que levam à cenários cheios de imagens e sons o autor vai deixando seu traçado “O traço sancionado e o traço fantasioso se misturam e fluem juntos” (Medeiros, 2019) e com uma semelhança nos traços que compõem cada poema, Medeiros confirma a percepção de Wittgenstein de que a linguagem funciona na prática, no uso e por meio da familiaridade entre as palavras é possível criar vários “jogos de linguagens.

Utilizando as palavras com seus significados diferentes e os parentescos entre eles o poeta Sérgio Medeiros construiu jogos de linguagens na primeira parte de seu livro *Os Caminhos e o Rio*. Já na segunda parte do livro o autor coloriu 32 caligramas, a escrita agora dá lugar ao visual. A poesia visual teve início com o poeta francês Apollinaire e é bem explicada pelo professor português Carlos Antônio Alves dos Reis. Em sua *Introdução aos Estudos Literários*, Carlos Reis aponta para a questão do ritmo na poesia ter sido “libertado” com a instituição dos versos livres, o que começou a acontecer na segunda metade do século XIX, com a revolução na linguagem poética. O ritmo passou a ser mais adequado à fluidez dos sentidos representados, fugindo não apenas aos métodos convencionais de metrificação, mas também aderindo ao propósito de motivar “o discurso poético de forma imprevisível e inteiramente livre” (REIS, 1999, p.331). Motivação esta que também pode acontecer por meio da elaboração da imagem gráfica do texto.

Foi em meio a essa libertação rítmica, iniciada por poetas simbolistas como Mallarmé, juntamente com o impacto das correntes artísticas de vanguarda, que a poesia experimental foi impulsionada. Porém, desde a antiguidade há tentativas que

apontam para esse rumo, “relacionadas quer com uma concepção lúdica e dessacralizadora da criação poética, quer com a influência do cabalismo e do hermetismo” (REIS, 1999, p.332).

A poesia experimental não utiliza apenas sintagmas e vocábulos apresentados em versos, mas apresenta desenhos e manchas traçados pelos próprios caracteres utilizados em sua composição. Seguindo as novas ideias a poesia experimental abriu espaço para outras culturas, como explica Carlos Reis: “... a poesia experimental dos nossos dias se abre a diversas influências culturais, cruzando-se ainda com outras linguagens e materiais artísticos: as escritas ideográficas, a pintura, a publicidade, a televisão, etc.” (REIS, 1999, p.334). É essa poesia que Sérgio Medeiros faz na segunda parte de *Os Caminhos e o Rio*, Medeiros cita Apollinaire já no início do livro dizendo que o poeta sonhava colorir seus caligramas e que em seu livro eles estarão “doudamente coloridos”. Medeiros coloca em *Os Caminhos e os Rios* Caligramas coloridos que mostram imagens de rio e alguns caminhos:

Figura 1: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*

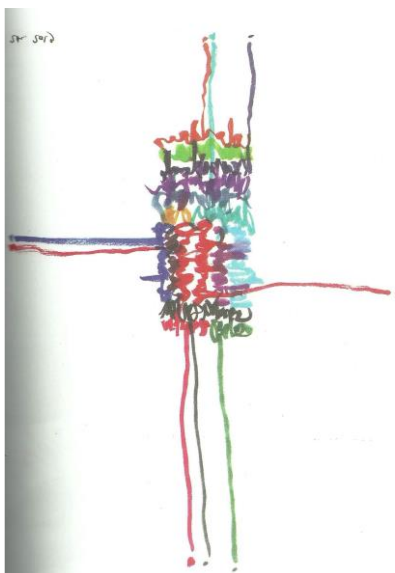


Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

Com uma poesia visual que utiliza mais imagens e cores, Medeiros distingue suas obras das poesias experimentais visuais criada por Apollinaire e utilizadas no Brasil, inicialmente pelos concretistas. Já Sérgio Medeiros traz outras perspectivas em suas poesias visuais trazendo mais cor e imagens, em *Os Caminhos e os Rios* várias imagens e formas de rios com caminhos em volta são explorados. Em alguns

caligramas parece que há uma ponte e em volta dela os caminhos que vão para distintos pontos da cidade.

Figura 2: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*



Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

Já em alguns caligramas parece haver o rio e em volta deste a cidade, que cresceu ao seu redor e até o corta em várias partes:

Figura 3: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*



Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

Há também aqueles em que o rio aparece de forma mais soberana, com o azul de suas águas evidentes e a civilização chega apenas próxima a ele:

Figura 4: Caligrama colorido presente em *Os Caminhos e o Rio*



Fonte: MEDEIROS, Sérgio. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

E por meio de suas imagens Medeiros vai mostrando ao leitor distintas visões do rio, há aqueles em que a cidade foi construída em volta e o rio é cortado por pontes, por ruas e não aparece com sua cor original, talvez já fazendo referência à poluição. Já nesse em que a civilização só chega à margem, o rio mantém sua cor azul e aparece muito mais imponente. Dessa maneira, trazendo em seus 32 caligramas coloridos imagens de rios e seus caminhos, Sérgio Medeiros mantém o jogo de linguagens criado no livro todo e já anunciado ao leitor no título do livro *Os Caminhos e o Rio*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma linguagem que explora vários significados das palavras, Sérgio Medeiros cria jogos de Linguagens na primeira parte de seu livro *Os Caminhos e o Rio*. O leitor astuto perceberá que já no início do livro, no sumário, é possível perceber o jogo criado por meio das palavras e significados contidos em caminhos e rio. Em cada poema também há um jogo e a dica para a descoberta desse está no título, os caminhos e o rio são construídos com traços, que misturam o real e o imaginário, por meio de palavras com certo parentesco, que são muito bem utilizadas por Medeiros para enredar o leitor em seus jogos.

Já na segunda parte do livro, os Trinta e Dois Caligrammas Coloridos são feitos utilizando cor e mais imagens do que a poesia visual de Apollinaire e dos concretistas brasileiros. Sérgio Medeiros cria uma poesia visual mais próxima da pintura e que chama mais atenção para as imagens. Em seus caligramas coloridos o poeta não deixa de fazer referências a caminhos e o rio, em cada caligrama é possível visualizar um rio e alguns caminhos que partem desse.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. *Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira*, In: CAMPOS. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 231-255.

CAMPOS, Augusto de. *Viva Vaia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MEDEIROS, Sérgio. *Os Caminhos e o Rio*. São Paulo: Iluminuras, 2019.

REIS, Carlos. Capítulo V – *A poesia lírica*. In: _____. *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

WITTIGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

Recebido em: 29/04/2021.

Aprovado em: 15/06/2021.